



“COMO EU VOU DESCER NAQUELE LUGAR?”: PERCEPÇÕES SOBRE A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO BAIRRO CASCAVEL VELHO EM CASCAVEL, PARANÁ

Franciele Moreira Grande ¹

Fábio de Oliveira Neves ²

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender a percepção dos habitantes de dois loteamentos irregulares, o Mutirão Laice e o Wilson Gonçalves, sobre a condição vivenciada de segregação socioespacial no bairro Cascavel Velho, no município de Cascavel, Paraná. A fim de compreendê-la, foram realizadas entrevistas semiestruturadas analisando-se três dimensões da segregação: os problemas de mobilidade, as dificuldades de acesso a serviços públicos e o estigma social. Os resultados indicam processos de segregação com origem e temporalidades distintas (uma ocupação antiga, da década de 1970, e outra recente, de 2016, resultante da atuação de movimento social), mas que vivenciam problemas comuns de falta de acesso à infraestrutura urbana e de insegurança de posse dos imóveis. A estigmatização social foi a dimensão da segregação mais evidente no discurso dos moradores, que sofrem com esta, tanto em relação à cidade, quanto internamente em relação ao próprio bairro.

Palavras-chave: segregação socioespacial; loteamentos irregulares; percepção da população local.

ABSTRACT:

This research aims to understand inhabitants' perceptions of two irregular settlements, the Mutirão Laice and the Wilson Gonçalves, on the experienced condition of socio-spatial segregation in the Cascavel Velho neighborhood, in the municipality of Cascavel, Paraná. In order to understand it, semi-structured interviews were conducted analyzing three dimensions of segregation: mobility problems, difficulties in accessing public services and social stigma. The results indicate segregation processes with different origins and temporalities (an old occupation, from the 1970s, and a recent one, from 2016, resulting from the action of a social movement), but which experience common problems of lack of access to urban infrastructure and property insecurity. Social stigmatization was the most evident dimension of segregation in the discourse of residents, who suffer from it both in relation to the city and internally in relation to the neighborhood itself.

Keywords: socio-spatial segregation; irregular subdivisions; perception of the local population

¹ Possui graduação e mestrado em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR. Professora de Geografia da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e Grupo Marista franciemgrande@gmail.com;

² Possui graduação e mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – PR. Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Mal. Cândido Rondon fabio.neves@unioeste.br.

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



INTRODUÇÃO

A distribuição da população no espaço produz um mosaico social na paisagem urbana, uma vez que a cidade é constituída por áreas distintas, vivenciadas, percebidas e representadas de maneira desigual pelos diferentes grupos sociais que vivem dentro e fora dela. Processos urbanos diversos, vinculados à conjuntura, produzem cidades europeias diferentes do contexto da América Anglo-Saxônica, que, diferem do padrão latino-americano (CASTELLS, 1983; CORRÊA, 2013).

No Brasil, o processo de urbanização a partir de 1950, fez surgir grande número de municípios médios, que seriam palco do “espraiamento espacial da riqueza nacional” (AMORIM; SERRA, 2001, p. 27). Com o processo de desconcentração da indústria, a segregação socioespacial, comum às metrópoles brasileiras, passou a ocorrer também nas médias cidades (NEGRI, 1996), que atuam intermediando as grandes e pequenas urbes.

Localizada no Oeste do estado do Paraná, a cidade de Cascavel é denominada de “capital regional”, por sua influência no território em questão. A interiorização do desenvolvimento econômico, característicos da segunda metade do século XX, atingiu o município, que passou a comportar problemas relacionados ao desenvolvimento de maneira desigual (ALVES, et al., 2007; FERREIRA, 2010; REGIC, 2018), como no caso do bairro Cascavel Velho, que sob o viés de ser destinado a um público carente de recursos privados, se desenvolveu, apresentando aspectos comuns às periferias pobres, como a falta de infraestrutura urbana e de equipamentos públicos, bem como altos índices de violência. Na atualidade, apresenta diferentes padrões de ocupação, que vai desde ocupações ilegais, juntas ao território do bairro, a imóveis de classe média. No entanto, continua sofrendo interna e externamente os efeitos do estigma social de periferia violenta e pobre. Este estigma parece ser ainda mais forte em loteamentos irregulares nas margens do bairro, como o Mutirão Laice e o Wilson Gonçalves. O primeiro loteamento derivou-se de ocupação realizada na década de 1970. O segundo derivou-se de um processo de reintegração de posse em uma ocupação em local denominado de Jardim Gramado, dando origem ao assentamento reconhecido pela prefeitura local em 2016.

A partir desse histórico surgiu a questão motivadora: como os moradores dessas áreas vivenciam e percebem o fenômeno da segregação socioespacial? Tal questionamento fez surgir o objetivo geral, que é o de compreender, sob a percepção dos



moradores das áreas de vulnerabilidade do bairro Cascavel Velho, o modo como esses indivíduos vivenciam a experiência da segregação socioespacial.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: descrever o processo de formação do bairro Cascavel Velho e das áreas de ocupação sob estudo; caracterizar as dificuldades de infraestrutura, locomoção, emprego e outras enfrentadas pelos habitantes; analisar as representações dos habitantes sobre o bairro e o modo como eles o vivenciam cotidianamente.

A partir das percepções dos moradores, foi possível notar as diferenciações intrabairro, estando claras as distinções na paisagem, sobretudo pela coexistência de diferentes níveis de moradias. A segregação socioespacial interna, ou seja, a que tem o próprio bairro como escala, é uma realidade indiscutível, podendo ser comprovada nos relatos de conflitos entre os moradores das áreas regulares e irregulares. Narrativas do tipo “como eu vou descer naquele lugar” ou “que [o assentamento] ia trazer pobre e bandido para cá” revelam um olhar estigmatizado sobre a população que ocupa os dois agrupamentos em pauta.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, a análise da experiência de segregação socioespacial foi realizada a partir da percepção dos habitantes considerando-se os seguintes parâmetros: acesso desigual a serviços e a equipamentos públicos, estigma social do lugar e mobilidade urbana. As informações e dados obtidos se deram por meio: (1) de dados secundários provenientes de pesquisas publicadas anteriormente, de documentos municipais, de museus, de notícias; (2) de dados primários produzidos a partir da realização de entrevistas semiestruturadas.

Para apresentar o histórico do processo de formação do bairro Cascavel Velho e das áreas sob estudo – Mutirão Laice e Wilson Gonçalves –, fez-se um levantamento de informações em: pesquisas publicadas, em livros sobre a origem do município, em documentos da prefeitura (Plano Diretor e Plano Municipal de Habitação), no Museu da Imagem e do Som e em sites de notícias (Catve.com, Tarobá News e O Paraná).

Para caracterizar as dificuldades de infraestrutura, mobilidade, emprego e outras enfrentadas pelos habitantes, bem como analisar as representações dos habitantes sobre o bairro, esta pesquisa se pautou em entrevistas semiestruturadas baseada em dois roteiros:

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



o primeiro para os moradores do bairro Cascavel Velho e Mutirão Laice (10 entrevistas) e o segundo para os moradores do Assentamento Wilson Gonçalves (4 entrevistas).

Optou-se por definir a população entrevistada por amostragem teórica: estratégia de definição gradual da amostra que possui como limite a saturação, isto é, quando o pesquisador passa a obter declarações que se repetem e não acrescentam novas informações aos resultados (TAROZZI, 2011).

De maneira complementar, para observar a recorrência significativa de determinados conceitos na fala dos entrevistados, utilizou-se o complemento *Word Cloud Generator*, mediante o qual foi possível estabelecer as seguintes categorias: temporais (histórico), espaciais, sentimentos e percepções. Tal coleta, permitiu depreender algumas noções que estão como que enraizadas na visão de mundo daqueles indivíduos.

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: DIFERENTES CONTEXTOS

A segregação socioespacial é um processo que acontece principalmente no espaço urbano, sendo amplamente discutida na literatura por diferentes autores que propõem caracterizações distintas para o mesmo fenômeno que produz um mosaico social na paisagem urbana (CASTTELS, 1983; CORRÊA, 2013; SPOSITO, 2013; CARLOS, 2013). O mosaico social produzido na dimensão do cotidiano,

É a diferença, tanto nas formas de acesso a moradia (como a expressão mais evidente da mercantilização do espaço urbano), quanto em relação ao transporte urbano como limitação de acesso às atividades urbanas (como expressão da separação do cidadão da centralidade), bem como através da deterioração/ cercamento/ diminuição de espaços públicos (como expressão do estreitamento da esfera pública). Esta diferenciação ganha realidade como separação/apartamento, condicionando as relações sociais, assim como o modo pelo qual cada cidadão se apropria do espaço. (CARLOS, 2013, p.96).

O processo de segregação não está apenas relacionado à condição urbana, mas também às condições políticas, interesses culturais, possibilidades socioeconômicas, representações sociais ancoradas em velhas e em novas discriminações, quer apoiadas em fatos, quer impostas pela mídia (SPOSITO, 2013). É possível distinguir a segregação imposta, referente àqueles que residem onde lhes é determinado, e a segregação induzida, que envolve os que ainda têm algumas escolhas possíveis, dentro de limites estabelecidos

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



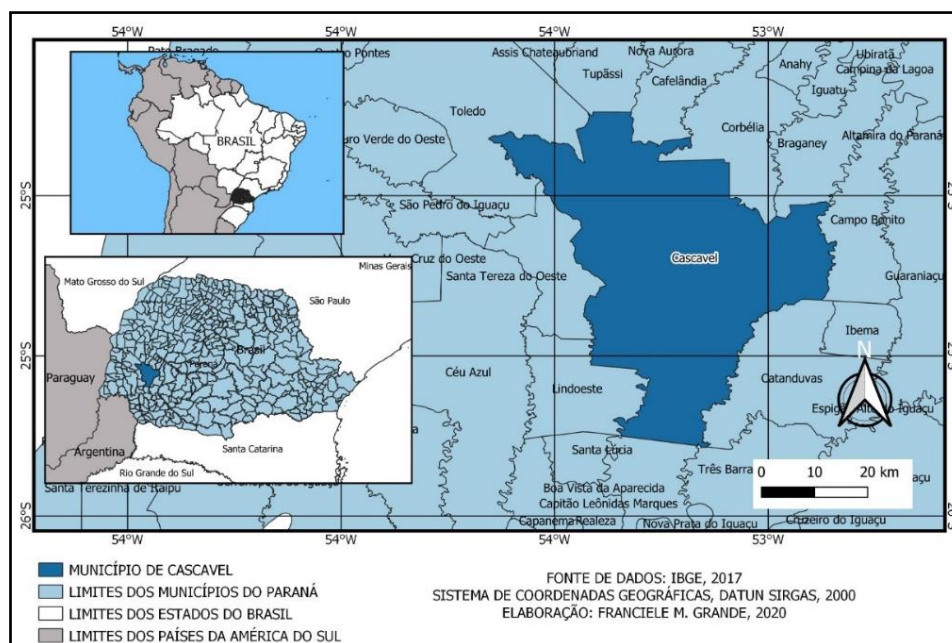
pelo preço da terra e dos imóveis. Tanto a segregação imposta quanto a induzida “empurram” os pobres para as áreas com menor acesso a equipamentos e à infraestrutura urbana (VILLAÇA, 2001; MOREIRA JÚNIOR, 2010).

No Brasil, o mais conhecido padrão de segregação socioespacial é o centro versus a periferia, em que o primeiro, ocupado pelas camadas mais abastadas, dispõe de acesso a serviços urbanos, enquanto a segunda é subequipada e ocupada pelas camadas de baixa renda. Cria-se, então, uma dualidade entre cidade dos ricos e cidade dos pobres, ou mesmo entre cidade legal e cidade ilegal (CALDEIRA, 2000; VILLAÇA, 2001).

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL VIVENCIADA EM CASCAVEL, PARANÁ COM FOCO NOS LOTEAMENTOS LAICE E WILSON GONÇALVES

O município de Cascavel localiza-se no Oeste do estado do Paraná (FIGURA 1) e possui uma área territorial de 2.101,074 km². A população, de acordo com o último censo (2010), é de 286.205 habitantes – com estimativa de 332.333 moradores (2019), dos quais aproximadamente 95% vivem na área urbana. (IBGE, 2019).

FIGURA 1: Localização do município de Cascavel – PR.



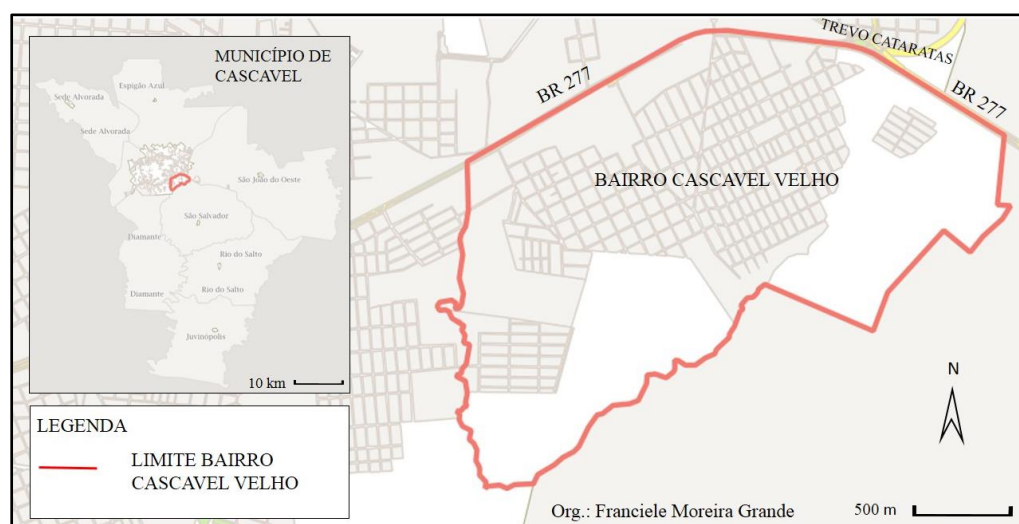
Comum as cidades no contexto capitalista, em Cascavel, o centro da cidade difere da periferia; A paisagem dos bairros centrais do município de Cascavel é composta por ruas amplas, limpas, arborizadas, iluminadas, bem como edificações de médio e alto

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

padrão. Há uma manutenção constante dos equipamentos públicos. Distanciando-se em direção à periferia, percebe-se uma progressiva mudança de cenário, com predomínio de casas de baixo padrão, em loteamentos populares, além de ocupações irregulares e favelas. Nas periferias, há mais problemas habitacionais, e o acesso aos serviços públicos é mais escasso.

Um dos mais antigos bairros periféricos da cidade chama-se Cascavel Velho e se localiza à sudeste da cidade de Cascavel (FIGURA 2). Conta com uma população de 13.393 habitantes (IBGE, 2010) e área de 3,54 km² (GEOCASCAVEL,2020).

FIGURA 2. Localização do bairro Cascavel Velho no município de Cascavel



Fonte: Instituto de Planejamento de Cascavel, 2020

Popularmente, é conhecido por ser o bairro mais antigo da cidade, e parte dos habitantes o denomina como o “berço de Cascavel”, uma vez que remonta às origens da ocupação e da colonização do município.

A população residente é composta principalmente por população operária, que embora, em sua maioria, eles manifestem orgulho pela história do Cascavel Velho, demonstram um tom de desapontamento pela falta de equipamentos e carências no primeiro bairro da cidade:

O sentimento que eu tenho é que ainda falta muita coisa: falta uma área de lazer para essas criança, que vive na rua. Que aqui, por ser lugar que começou Cascavel, eu acho que eles tinha que ter mais respeito com esse lugar, porque hoje eles trabalha mais e procura fazer mais coisas

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



pro povo do centro, do que no lugar que começou Cascavel (M.S, moradora, 2019).

Ao se tratar da infraestrutura urbana que o bairro possui, as entrevistas apresentam, de maneira unânime, narrativas de um passado muito mais duro e difícil, com ruas sem pavimentação, transporte coletivo distante e ausência de saneamento básico:

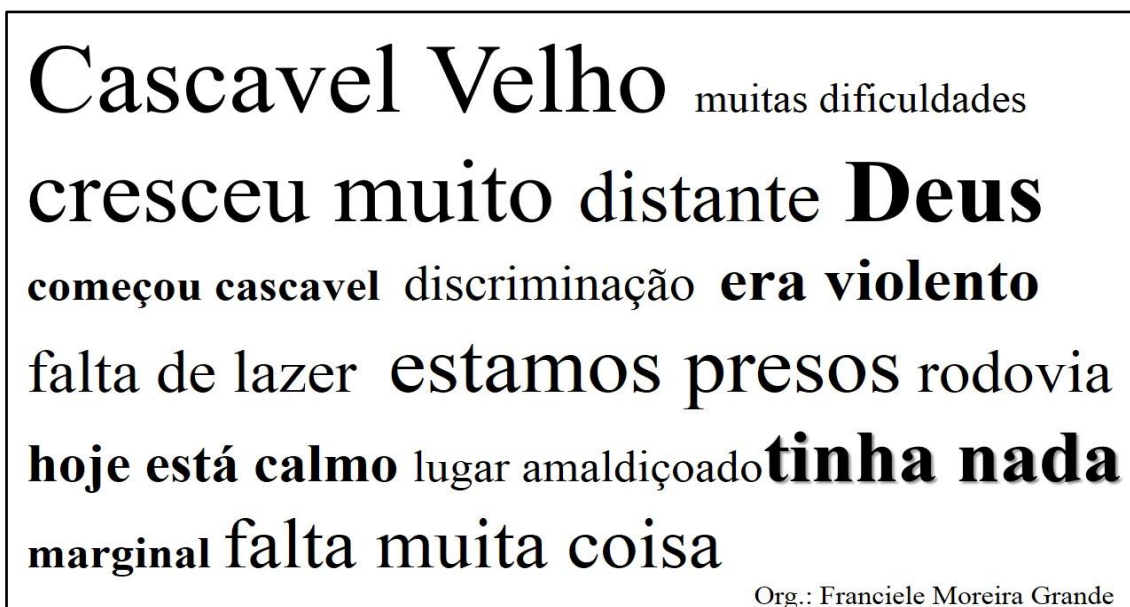
Na época que entrei aqui isso aqui não tinha nada, não tinha nem água nem luz nem asfalto [...] a lotação é lá na BR [rodovia] uma vez por hora até às 8 horas da noite aí acabava, era um problema sério para sair lá em cima na BR no trio um carreiro, e foi assim a vida né não tinha asfalto não tinha nada (O, morador, 2019).

“Nós chegamos aqui em 1985, era só capoeira isso aqui, era poeirão ou lama [...] o ônibus a gente ia pegar na BR, passávamos por uma ponte que eram duas tabuas sobre o rio Cascavel [...] Além do perigo das fossas” (F, moradora, 2019).

Na década de 1990, manifestações e protestos para reivindicar infraestrutura urbana e equipamentos públicos eram comuns.

A Figura 3 demonstra nuvem de palavras com os termos que mais tiveram recorrência nas entrevistas com os pioneiros.

FIGURA 3. Representação dos habitantes do bairro Cascavel Velho.



Fonte: os autores, elaborado com o software Word Cloud Generator.



As memórias dos moradores dão indícios de algumas fragilidades vividas, como, por exemplo, a falta de água para banho e os frequentes alagamentos.

A gente tomava banho na casa da tia Teresa [...] quando a chuva começava a gente corria colocar uma cobra de areia [barreira para a água da chuva], as vezes ela não dava conta porque a água vinha com tudo da descida ali [rua Itália]. (E, morador, 2020).

A insuficiência do atendimento no posto de saúde também foi exposta como um fato relevante:

Uma coisa que me chama a atenção, é muita gente para pouca estrutura pública, eu lembro que para pegar ficha no posto de saúde, tinham dez fichas para dentista, para não sei quantas mil pessoas, o atendimento não era ali, tinha que pegar ali [encaminhamento] e ir para o centro (H, morador, 2020).

Quando perguntados sobre educação, os habitantes demonstram-se satisfeitos com as creches e escolas municipais que atendem a crianças de 4 meses a 10 anos. Sobre as instituições de ensinos fundamental e médio, a população demonstra descontentamento, por considerá-la insuficiente, visto que tem uma instituição para todo o bairro.

Além da percepção dos moradores, é necessário recorrer a alguns dados objetivos. Segundo o censo do IBGE (2010), 97,37% da população do bairro Cascavel Velho é atendida pela rede de água. No que diz respeito ao sistema de esgoto, em 2016 foi instalada uma infraestrutura para a coleta.

O bairro conta com uma Unidade de Pronto Atendimento 24 horas, que atende à demanda do município no que tange à urgência e emergência. Duas unidades de saúde são voltadas aos atendimentos primários, o que envolve um trabalho de acompanhamento e de prevenção de doenças. Parte dos entrevistados, em especial os moradores mais antigos, demonstram-se satisfeitos com o atendimento de saúde no bairro, pois vivenciaram o crescimento do local, e a expressão “já foi bem pior” é unânime por parte deles.

O Cascavel Velho já esteve reportado diariamente nos meios de comunicação do município, como um cenário de criminalidade, marcado por tráfico de drogas, assaltos, assassinatos, brigas, violência doméstica, entre outros. Como destaca o morador:

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



Em 1992, 1994 nessas faixas de tempo aí, tinha muita gente que comprava lote aqui, e vendia de graça ou às vezes até largava, porque tinha medo de ficar aqui, que era bem complicado esse bairro aqui, e graças a Deus, o nosso bairro está muito bom de morar, se vê que hoje não acontece praticamente quase nada no nosso bairro como tinha antigamente, antigamente era muita morte, muita gente armado de dia (S, morador, 2019).

O nome Cascavel Velho faz “mudar a expressão” das pessoas que não vivenciam o cotidiano do bairro. “O olhar do exterior fecha o bairro num território específico, estigmatizado, potencialmente perigoso e ameaçador para quem se encontra fora dele” (CARVALHO, 2014). O fato de o bairro já ter sido sinônimo de extrema pobreza e violência faz com que, ainda na atualidade, os moradores convivam com estigmas, como discorre uma moradora sobre problemas conexos a entregas de produtos.

Eles [entregadores] devem sentir muito medo, todo bairro tem seu perigo né, por causa das pessoas que tem uma outra forma de viver. Tem horário que eles [farmácias e pizzarias] te falam, tipo 10 horas no máximo um remédio mesmo a farmácia sendo 24 horas né, aí tu tem que dá um jeito de ir buscar. O mesmo acontece com o entregador de pizza.

Entre os entrevistados, é comum a fala de o crescimento da população não foi acompanhado de um aumento proporcional na infraestrutura urbana. De fato, muitos moradores reclamam da má qualidade do pavimento em algumas vias e do exíguo número de calçadas, que são fatores adversos à mobilidade dos pedestres.

É muito difícil você andar com carrinho de criança nessa rua [Itália] tem que andar no meio dos carros com as crianças, uma no colo, outra segura na mão, desvia das poças de água, bicicleta, com cachorro né porque isso aí né normal, é bem difícil (E, moradora, 2019).

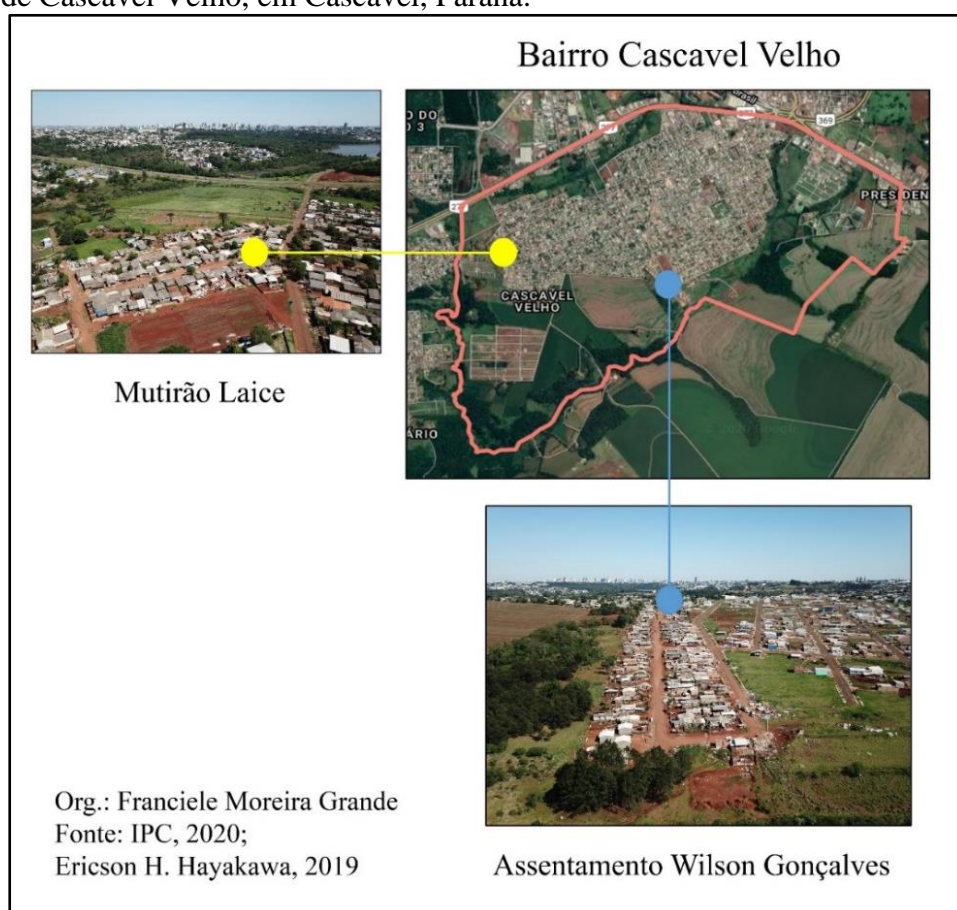
Nem todos os moradores vivenciam o bairro da mesma maneira, os problemas urbanos enfrentados pela população das áreas de ocupação irregular não são os mesmos dos habitantes das áreas regulares.

A SEGREGAÇÃO VIVIDA NA DIMENSÃO DO COTIDIANO

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Mutirão Laice e o Assentamento Wilson Gonçalves (FIGURA 4) apresentam cotidianos parecidos, mas exibem processos distintos quanto à formação, o que se observa nas nomenclaturas mutirão e assentamento. O mutirão se caracteriza pela participação efetiva, como mão de obra, dos próprios mutuários na construção. Embora o modelo de mutirão tenha seu papel na produção de habitações, percebe-se certa romantização acerca desse plano, que ocasiona um sentimento de coletividade e pertencimento, mas omitem fatores relacionados ao regime de sobretrabalho. Já o assentamento, se refere a um espaço territorial de povoamento humano, constituído por população de baixo poder aquisitivo, que ocupa o local, construindo moradias irregulares, sem a autorização dos responsáveis – instituições públicas ou privadas (FERREIRA, 2010).

FIGURA 4. Localização do Mutirão Laice e do Assentamento Wilson Gonçalves no bairro de Cascavel Velho, em Cascavel, Paraná.



Os conceitos de mutirão e assentamento têm em comum a insegurança relacionada à posse da moradia, comumente, a população exposta à tal fator não investe, nem faz grandes benfeitorias nos imóveis em que estão vivendo. Primeiramente, por causa da

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



baixa renda; em segundo lugar, pelo fato de a desocupação poder acontecer a qualquer momento.

MUTIRÃO LAICE: DIVIDIDO ENTRE O VELHO E A ESPERANÇA DO NOVO

O Mutirão Laice, também denominado em publicações acadêmicas e planos municipais de “Assentamento Irregular Laice”, “Conjunto Laice”, “Mutirão Dona Laice” ou simplesmente “Laice” (SOARES, 2016; CASCAVEL, 2016) é chamado pelos moradores de vila, mutirão, favela e favelinha. Localiza-se no bairro Cascavel Velho, região onde se instalaram as primeiras residências da cidade. A maioria da população, cuja renda familiar é em média de 1 a 2 salários-mínimos (PMH, 2010), desenvolve atividades laborais de baixa remuneração. Tal grupo compõe-se principalmente de catadores de materiais recicláveis, empregadas domésticas, além de trabalhadores que exercem serviços temporários (bicos).

A ocupação no Mutirão Laice data da década de 1970, mas o loteamento só foi reconhecido pela municipalidade no ano de 2000, mediante a intervenção da Sra. Laíce Zanella, líder da Associação de Moradores, e teve como objetivo resolver o problema de favelamento no local (SOARES, 2016).

Em entrevista, Laíce Zanella, hoje com 77 anos, conta como foi o processo de organização do mutirão, que em 1999, a área correspondente ao Mutirão Laice apresentava um aglomerado considerável de pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade social. Laíce Zanella relata que foi até o prefeito e questionou que “aquela terra é devoluta, é uma terra que não se encontra no mapa da prefeitura”. Depois fez um desenho da planta e foi buscar apoio da municipalidade. Os trabalhos começaram com incertezas relacionadas à captação de materiais, à mão de obra para construção e ao processo de legalização fundiária. A medição dos terrenos foi realizada pela prefeitura. As casas foram construídas uma por uma, com mão de obra dos próprios moradores, sob orientação de apenas um pedreiro, que era remunerado com recursos captados a partir de eventos beneficentes. Para os materiais de construção, buscavam-se doações junto aos empresários da cidade.

As famílias que viviam no Mutirão Laice antes da construção das casas atuais habitavam moradias de extrema precariedade. “O tempo se preparava para chuva, eu corria buscar eles, era assim [...] a única coisa que eu tinha para dar para eles lá no

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



momento era um telhado para não chover em cima para passarem a noite sem coberta sem nada [...] (Laice Zanella, 2020).

Outra situação comum, e que fazia parte do cotidiano da líder comunitária, eram os pedidos para ajudar com o velório de crianças que morriam por causa da precariedade relacionada ao destino do esgoto sanitário.

[...] Quase todos os todos os dias vinha alguém na minha casa pedindo: Laice, arruma um ônibus, ó minha criancinha morreu, eu ficava triste mas eu conseguia o ônibus, mas para mim não era isso que eu queria, não era o ônibus, não era o velório, eu queria vida, e essa vida tá muito difícil, eu sabia [...] Chovia, a fossa mais rasa enchia, corria para dentro do poço, e daí as crianças ficavam magrinho, com a barriga grande, e eles acabam morrendo por causa daqueles verme [...].

Com o tempo situações como a narrada precedentemente foram superadas, no entanto as construções de alvenaria não garantiram a regularização fundiária. A moradora M, de 75 anos comenta que “[es] tamo [s] esperando o documento. Nesses 40 ano [s] que a gente mora aqui, ninguém tem documento, agora que eles entraram pra fazer o documento, acho que tá quase pronto”.

A partir da nuvem de palavras da Figura 5, buscou-se representar os sentimentos e percepções que os entrevistados demonstram pelo Mutirão Laice.

FIGURA 6. Representação dos moradores do Mutirão Laice.

Abandono esquecidos **discriminação**
divisão tropeiros **Cascavel Velho**
favela educação **mandragem**
reciclagem perigoso mal falado lazer
maldição lugar **favelados** emprego

Org.: Franciele Moreira Grande

Fonte: Entrevistas



Abandono e discriminação são palavras que se destacam no discurso dos moradores. “O povo que sai daqui e vai morar ali, é ali [área regular]! É Cascavel Velho da mesma coisa, e nem descem [no conjunto Laice], é parente da gente e tudo, dizem: Eu não desço lá. Como que vou descer naquele lugar?” (M, moradora, 2019). M. moradora de 49, diz que “na lotação já cansei de puxar confusão, porque ó a turma da favela, ó os favelados”. A narrativa da moradora reforça ações discriminatórias que a população do conjunto Laice vive no cotidiano.

A localização também produz preconceitos quanto à procura de empregos, levando até mesmo à perda de oportunidades de trabalho por causa do lugar em que vivem. “Quando eu falava que morava no Cascavel Velho, perdia o emprego, cansei de dizer que morava no [loteamento] Presidente” (M, moradora, 2019).

O lugar é muito mal falado, aqui, né. Então quando a gente ia pegar um serviço na cidade, e falava que morava no Cascavel Velho, aí os cara mandavam passar no outro dia, aí quando você passava no outro dia, os caras falava: gastei o dinheiro, não dá para fazer o serviço. Davam uma desculpa, mas eles discriminavam, por causa do lugar, muita fama, né? De lugar perigoso.” (J.A, Morador, 2019).

Ninguém pegava elas para trabalhar como diarista ou mensalista porque elas não tinham endereço para dar. Onde cê mora? na favela! NÃO! Hoje elas trabalham fora de diarista mensalista os homens trabalha[m] de pedreiro e ajudante de pedreiro. (Laice Zanella, 2020).

Ao responder à pergunta: “Se tivesse o poder de melhorar mais alguma coisa no bairro, o que melhoraria?”, o rumo da entrevista muda para o tema da educação, pois os moradores sentem-se desassistidos nesse quesito: “Queria um colégio pra meus netos, pra meus bisnetos, um colégio que nem tem lá em cima [loteamento Presidente], porque os coitadinho vão daqui lá de a pé no colégio lá, no estadual” (M, moradora, 2019). A população que frequenta o colégio estadual e reside no Mutirão Laice precisa percorrer diariamente cerca de 4km para chegar ao estabelecimento.

Os moradores pressupõem que “pra frente não vai, tomara que não fique pior do que tá [Mutirão Laice] (M, moradora, 2019).

As narrativas dos entrevistados quanto ao histórico do conjunto relatam um passado marcado pela violência. Muitos, aliás, atribuem a discriminação e o “atraso”



do local a uma maldição (outra palavra recorrente na Figura 5, apresentada anteriormente) decorrente de um itinerário de crimes e delinquência.

Esse lugar falam que é amaldiçoado, sabia que é amaldiçoado esse lugar aqui, Cascavel Velho, diz que por isso que não vai para frente. Pode ver, aqui é o lugar mais velho de Cascavel, o lugar que começou Cascavel, ai tu pode ver que todo lugar, toda vila foi pra frente, e aqui parou no tempo, é maldição esse lugar aqui, aqui aconteceu muita desgraça nesse lugar, muita morte, a vila fica esquecida (J.A, morador, 2019).

As percepções dos moradores, todavia, nem sempre são convergentes. M., aposentada, demonstra que, mesmo vivendo na precariedade, o sentimento é de que o lugar melhorou, pois “agora a gente pode dizer que tá no céu, mas foi sofrido todo mundo sofreu”. As moradias eram edificações precárias, destituídas de energia elétrica e de água tratada. A água, por sinal, era retirada de poços. Porém, a partir do ano 2000, essas instalações precárias deram lugar a casas de alvenaria, com condições de receber água tratada e energia elétrica. A Secretaria de Planejamento de Cascavel e a Companhia de habitação de Cascavel, gestoras do projeto, informam que o projeto de regularização fundiária do Mutirão Laice está em curso (COHAVEL, 2019).

ASSENTAMENTO WILSON GONÇALVES: DA ILEGALIDADE À REGULARIZAÇÃO

O Assentamento Wilson Gonçalves – nome dado em homenagem a um morador falecido em 2017 – é composto por habitantes retirados de uma ocupação irregular (Jardim Gramado, no bairro Pacaembu), a partir de uma ordem judicial de reintegração de posse onde tais moradores viveram por aproximadamente 20 anos. Esse grupo foi assentado no bairro Cascavel Velho, em área disponibilizada pela prefeitura de Cascavel. O assentamento constitui-se de famílias com baixa renda, aproximadamente 70% dos moradores desenvolvem trabalhos informais compondo-se basicamente de coletores de materiais recicláveis, vendedores ambulantes, empregadas domésticas, auxiliares na construção civil e produtores na horta comunitária. (COHAVEL, 2019).

Na figura 6, a nuvem de palavras tem o intuito de auxiliar na compreensão do contexto vivenciado pelas famílias que hoje residem no bairro Cascavel Velho.

FIGURA 6. Representação dos moradores do assentamento Wilson Gonçalves.

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



Resistência não queriam a gente aqui **liderança**
moradia **ocupação recente** **luta** doações
construção assistência lona barraco bandidos povo
trabalhador **Jardim Gramado** reintegração
de posse **Jardim Veneza** discriminação
invadidos horta comunitária **MNLM**
começar de novo

Org.: Franciele Moreira Grande

Fonte: Entrevistas

Assessorados pelo Movimento Nacional de Luta por Moradia - MNLM, os moradores participaram de negociações por 18 anos em diferentes esferas (federal, estadual e municipal), com o intuito de conseguir a posse dos imóveis do Jardim Gramado. Em 2017, foi realizada a desocupação, pois “tinha sido transitada e julgada, então não tinha o que fazer” (S. líder comunitário). Dessa maneira, as famílias precisaram buscar outros lugares para viver. Para resolver a questão de moradia das famílias que não tinham para onde ir, foi assinado, mediante acordo judicial, um termo de compromisso cedendo área pública do então loteamento Jardim Veneza (bairro Cascavel Velho), com o prazo da desocupação da área chegando ao fim, sem a contraparte – acordada, mas não cumprida – na realização das obras de infraestrutura básica, “a gente começou a ocupar aqui [loteamento Jardim Veneza] montando barracos de lona, além de organizar a divisão dos lotes (I, moradora).

A partir da arrecadação de dinheiro, abasteciam a cozinha comunitária e compravam combustível para a motosserra. Por fim, para abrir as ruas, pagavam as horas-máquina aos serviços de patrula. Assim, mesmo com tantos contratemplos, as famílias conseguiram garantir seu espaço na área cedida pela prefeitura.

Somado aos problemas relacionados à infraestrutura do assentamento, houve, no bairro Cascavel Velho, manifestações contra a vinda da população do Jardim Gramado. “As pessoas diziam que não queriam essas famílias do Gramado aqui, que ia trazer pobre e bandido para cá. (I, moradora). Alegavam que não queriam a construção de “barracos”, mesmo sabendo que tais habitações eram provisórias.

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



Aos poucos, essa população, que, transbordada de estigmas, foi conquistando o seu espaço, estabelecendo novas relações e significados com a comunidade local, e com o tempo, os moradores do bairro Cascavel Velho perceberam que as famílias do assentamento Wilson Gonçalves não representavam perigo, visto que são trabalhadores em busca de moradia e, sobretudo, de sobrevivência.

Vimos para ficar, não viemos disputar com ninguém. A gente tomou posse daquilo que era acordo, não era para ser da maneira que foi né, foi uma luta, hoje nós conquistamos o respeito da comunidade né, hoje estamos aí nas conferências da saúde do conselho local (S. líder comunitário).

Observa-se que as casas estão sendo construídas aos poucos, pelos próprios moradores, com materiais mistos, como madeiras, tijolos e materiais reaproveitados. Embora tais moradias se apresentem de maneira precária, percebe-se claramente que são provisórias, visto que há vestígios de construções por toda a ocupação.

O Assentamento Wilson Gonçalves é atendido parcialmente por infraestrutura básica, possuem água encanada, coleta de esgoto, ruas cascalhadas e instalação de energia elétrica alternativa.

Em entrevista para a Central Gazeta de Notícias em 22 de fevereiro de 2021, alguns moradores reclamaram da inexistência de rede de energia elétrica:

Roberto até colocou uma lâmpada improvisada, mas ela queimou. O homem diz que a noite, o local é muito escuro. [...] José disse que já vários produtos dentro de casa queimaram, tudo por conta da rede de energia provisória. [...] Dona Zenir trabalha com máquina de costura, mas como a energia que chega à casa dela é fraca, ela não consegue fazer o trabalho (CGN, 22/02/2021).

A população do assentamento expõe que, além dos contratemplos referentes à energia elétrica nos domicílios, há também o problema da falta de iluminação das vias, os moradores que trabalham de madrugada veem-se obrigados a enfrentar uma escuridão absoluta no momento de se deslocarem de suas casas. “Que a noite é muito escuro” (CGN, 22/02/2021). Em entrevista, um morador se mostra preocupado com o risco iminente de, “por não ter poste para passar uma luz aí pra gente, é um perigo circuitá esses postes de luz, que é tipo um gato, e queima tudo nossos barracos” (CGN, 22/02/2021). A Copel,

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



por sua vez, afirma que são os próprios moradores que precisam entrar em contato com a empresa para solicitar a ligação. Outra possibilidade a ser considerada é a de que a não instalação de energia elétrica pode ter sido causada pelo fato de os moradores – na maioria, de baixa renda – não terem à sua disposição os devidos recursos financeiros quando tal serviço lhes foi oferecido.

Os moradores compartilham a ideia de cidadania que a localidade trouxe às famílias, visto que não mais estão em situação ilegal, pois as famílias receberam o termo de compromisso de regularização fundiária e posse, até que seja concluída toda a parte de regularização da área, garantindo que o morador terá sua casa devidamente documentada. A condição de serem donos de suas moradias revela o sentimento de pertencimento e de contribuição com a sociedade. Com o tempo, as famílias estão conquistando seu espaço e demonstrando que não eram inimigas da população local. Por isso, as barreiras iniciais já não fazem tanto sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corriqueiro às periferias brasileiras, o bairro Cascavel Velho esteve marcado por aspectos comuns à segregação socioespacial, como a falta de infraestrutura urbana e de equipamentos públicos, bem como altos índices de violência. Contudo, nos últimos tempos, a região foi objeto de importantes avanços, e isso é constatado nos relatos de seus moradores, que reconhecem a necessidade de investimentos em alguns setores, destacam que houve muitos avanços em relação a décadas passadas, tanto em termos de acessibilidade como em equipamentos públicos.

A partir das percepções dos moradores, foi possível notar as diferenciações intrabairro, estando claras as distinções na paisagem, sobretudo pela coexistência de diferentes níveis de moradias. No que tange ao estigma social de lugar, os relatos reforçam essa percepção, uma vez que confirmam a existência, por parte dos moradores de outras áreas, de uma visão preconceituosa e estereotipada a respeito do Cascavel Velho. Notadamente, a segregação socioespacial interna, ou seja, a que tem o próprio bairro como escala, é uma realidade indiscutível, podendo ser comprovada nos relatos de conflitos entre os moradores das áreas regulares e irregulares do bairro Cascavel Velho.

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



Narrativas do tipo “como eu vou descer naquele lugar” ou “que [o assentamento] ia trazer pobre e bandido para cá” revelam um olhar estigmatizado sobre a população que ocupa os dois loteamentos em pauta. A segregação socioespacial presente no bairro Cascavel Velho apresenta diferentes olhares e escalas, pois percebe-se o olhar dos de fora, os conflitos dos de dentro, e duas loteamentos que seguem com a esperança de dias melhores quanto à qualidade de vida que uma moradia traz.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lucir Reinaldo et al. **O Continuum, a localização do emprego e a configuração espacial do oeste do Paraná**. Revista de história econômica e economia regional aplicada – Vol. 2, nº 2/ Jan/ Jul 2007. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/2artigo02.pdf>>. Acesso em 21 jul. 2020.

AMORIM F., O.; SERRA, R.V. **Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional**. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2001. p. 1-34.

BRUGNAGO, Naira Vicensi; ALVES, André Augusto de Almeida. **Preencher os vazios: sociedade e estrutura fundiária na constituição do espaço urbano de Cascavel – da “encruzilhada” à década de 1960 - Pós**, Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP. São Paulo, v. 24, n. 43, p. 36-55, 2016.

CALDEIRA, Teresa Pires do R. **Cidade de muros-crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico**. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida;

CARVALHO, Maria João Leote de. **Segregação residencial e discriminação na área metropolitana de Lisboa: o olhar das crianças**. Educ. Soc., Campinas, v. 35, nº. 128, p. 629-996, jul.-set., 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/jXcTNJwxk5ZMwdF5Fgdsqvb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CGN, Central Gazeta de Notícias. **Moradores do loteamento Wilson Gonçalves reclamam da inexistência de rede de energia elétrica**. Disponível em: <<https://cgn.inf.br/noticia/359352/moradores-do-loteamento-wilson-goncalves-reclamam-da-inexistencia-de-rede-de-energia-eletrica>>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

_____. **Com reintegração, famílias do Gramado intensificam ocupação de área no Veneza**. Disponível em: <<https://catve.com/noticia/6/168578/com-reintegracao-familias-do-gramado-intensificam-ocupacao-de-area-no-veneza>>. Acesso em: 27 Set 2019

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo, Paz e Terra, 2000 [1983].

CASCADEL (Município). **Lei nº 6.063, de 18 de junho de 2010**. Estabelece a política habitacional no município de Cascavel, instituída pelo Plano Municipal de Habitação e dá outras providências. Órgão oficial eletrônico [do] Município de Cascavel. Edição Ordinária, no 596, Ano IV, Caderno 1, Atos do Poder Executivo, p.1-143, 28 jun. 2020.

CASCADEL (Prefeitura Municipal). Instituto de Planejamento de Cascavel - IPC. Mapa base do município de Cascavel. 2020. Disponível em: <<http://geocascavel.cascavel.pr.gov.br/geo-view/index.ctm>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

_____. **188 famílias do loteamento Wilson Gonçalves recebem termo de regularização**. Disponível em: <<https://catve.com/2021/noticia/6/274287/188-familias-do-loteamento-wilson-goncalves-recebem-termo-de-regularizacao>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

COHAVEL. **Companhia de Habitação de Cascavel**. [entrevista com disponibilização de dados]. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação socioespacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 96-109.

_____. **O Espaço Urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2003

FERREIRA, Sandra Cristina. **Rede urbana, cidade de porte médio e cidade média: estudos sobre Guarapuava no estado do Paraná**. Presidente Prudente, 2010. 350 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/10/sandra_dr.pdf>. Acesso em 21 jul. 2020.

FERREIRA, A. B. de H. **Assentamento** in: Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0. 5ª. Edição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo Informática, 2010.

IBGE **CIDADES**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavelz/panorama>>. Acesso em 07 mai. 2020.

_____. **Censo Demográfico – 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

_____. **Regiões de Influência das Cidades**. 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>>. Acesso em set. 2019.

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



MOREIRA JR, Orlando. **Cidade partida: segregação induzida e auto - segregação urbana.** CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista online. 2010. Disponível <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15899/8974>>. Acesso em 27 jan. 2021.

NEGRI, B. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990).** Campinas: Unicamp, 1996.

SOARES, Karem Alessandra Solek. **Produção da irregularidade urbana: gestão, agentes, processos e práticas espaciais do território de Cascavel/PR.** Maringá, 2016. 218 p. Dissertação (mestrado em Ciências de Tecnologia (CTC)) – Universidade Estadual de Maringá.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel: A história.** Curitiba: Lagarto, 1992. 321p.

SPOSITO, M. E. B. **A segregação socioespacial e centralidade urbana.** In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação socioespacial.* São Paulo: Contexto, 2013. p.61-93.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a grounded theory: Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades.** In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação socioespacial.* São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-38.

VILLAÇA, Flávio, 1929 – **Espaço intra-urbano no Brasil/ São Paulo:** Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.